



Curitiba, 09 de outubro de 2023

Nota educativa sobre o episódio no Colégio Estadual Marquês de Caravelas, em Arapongas (PR)

Com espanto e indignação, o Museu do Holocausto tomou conhecimento de imagens e relatos de atividade ocorrida no **Colégio Estadual Marquês de Caravelas**, em Arapongas (PR), ligada a um projeto sobre a Segunda Guerra Mundial. Educadores: segue fio longo e necessário. O caráter deturpado da atividade, realizada com alunos do 3º ano do Ensino Médio, leva o Museu a apontar os equívocos pedagógicos da proposta. Além disso, ressaltamos nossa preocupação quanto à reprodução dessa metodologia em outras partes do Paraná e do Brasil.

Dois aspectos da atividade nos chamam atenção: 1) o uso de indumentária, simbologia e decoração associada ao nazismo; 2) a entrevista com a filha de um soldado nazista, chamada, na publicação do colégio nas redes (já apagada), de “sobrevivente”. Analisemos cada uma delas.

O uso de salas temáticas, decorações e caracterizações visando “vivenciar o tema” é uma prática didática comum. No entanto, para cada tema, são necessários cuidado e sensibilidade ao utilizar tais metodologias. Há necessidade de explicar historicamente o fenômeno do nazismo, visando o combate de suas continuidades e permanências no presente.

Porém, na Pedagogia contemporânea do Holocausto, há consenso de que isso deve ser feito pela perspectiva das vítimas, e não dos perpetradores. Mesmo que a intenção não seja de apologia ao nazismo, o uso de simbologia tal como foi feito



leva a um fascínio pelo nazismo. A encenação torna o nazismo, e não o seu combate, algo divertido, interessante e fascinante, deslocado do seu significado histórico.

Entretanto, ainda mais grave é a proposta de entrevista. Segundo o texto publicado pelo colégio nas redes sociais (e já apagado), destacou-se o pai da entrevistada, caracterizado como “o seu pai era nazista e queria lutar pelo país”. No restante do texto, esse indivíduo (que vale lembrar, não é descrito como um mero soldado convocado por obrigação, mas um nazista convicto) é tratado inacreditavelmente como uma vítima. Sua filha é descrita como “sobrevivente da guerra”.

Cabe lembrar que o projeto do regime nazista pelo qual o pai da entrevistada “lutava” tinha em seu cerne a conquista e opressão de populações de outros países e o extermínio de pessoas consideradas racialmente inferiores ou perigosas e a perseguição a opositores políticos. O pai da entrevistada, portanto, mais do que alguém que passou por “muito sofrimento”, era parte de um movimento político que infligiu a outros esse sofrimento. Ou seja, entrevistou-se uma senhora cujo pai era nazista - o colégio não aponta isso como algo condenável.

Já a categoria de “sobrevivente” se aplica a pessoas de fato perseguidas. Embora sem dúvida vivenciar um período de guerra seja uma experiência sofrida e traumática, é muito problemático borrar diferenças entre experiências como a da pessoa entrevistada. A entrevistada, apesar de todas privações do período de guerra, não era perseguida por sua origem, ideias políticas ou por qualquer outro



motivo – e pessoas, como os judeus, que foram alvo de um genocídio. A estes, cabe a categoria “sobrevivente”.

Chama atenção ainda o fato da entrevista ter sido realizada em cidade próxima a Rolândia. O local se tornou, na segunda metade dos anos 1930, lar de muitos judeus alemães refugiados do nazismo. Há ampla bibliografia sobre o tema em livros e artigos acadêmicos. Muitos dos descendentes e alguns dos próprios imigrantes ainda estão vivos. Por que não foram eles os escolhidos para a dinâmica da entrevista? O dever de apresentar múltiplos pontos de vista sobre processos históricos não pode tornar todos igualmente legítimos. A ética pedagógica não se manifesta ao dar vozes, mas em explicitar as escolhas político-pedagógicas que nos levam a escutar as vítimas.

Fica, portanto, patente, que a atividade: A) está absolutamente distante dos debates contemporâneos sobre o ensino do Holocausto, do nazismo e da Segunda Guerra Mundial; B) adotou dinâmica que pode facilmente levar a um fascínio e deslumbramento pelo nazismo; C) releva a diferenciação básica entre algoz e vítima, relativizando os crimes nazistas.

Dessa forma, o projeto no Colégio Estadual Marquês de Caravelas, em Araçongas (PR), presta um desserviço aos esforços para que a memória do Holocausto e dos crimes nazistas sirva para a promoção dos direitos humanos e da democracia.

O Museu do Holocausto já se colocou à disposição da Secretaria de Educação, do NRE de Apucarana e do Colégio para que possamos orientar e, em conjunto, elaborar práticas éticas e significativas para o ensino de temas como Holocausto, nazismo e Segunda Guerra Mundial.
